O outro

El otro

The other one

Santiago Alcázar

Resumo: Parece evidente que o sistema multilateral e as Nações Unidas particularmente são objeto de desconfiança e descrédito. Os conflitos não param, a situação humanitária é um desastre, o reconhecimento e respeito dos direitos humanos é deixa muito a desejar e a meta do desenvolvimento é algo que sempre se afasta. Os ODS avançam, mas não o suficiente para cumprir a meta na data proposta. O que deu errado? Essa é a pergunta que tem que ser respondida. A resposta irá surpreender, ou talvez não.

Palavras-chave: Nações Unidas; sistema multilateral; objetivos do desenvolvimento sustentável; ONU; ODS.

Resumen: *Parece evidente que el sistema multilateral y las Naciones Unidas de modo particular, son objeto de desconfianza y de descrédito. Los conflictos no paran, la situación humanitaria es un desastre, el reconocimiento y respeto de los derechos humanos deja mucho a desear y el objetivo del desarrollo es algo que siempre queda más lejos. Los ODS avanzan, pero no de manera suficiente para alcanzar la meta en la fecha propuesta. ¿Que salió mal? ¿En qué fallamos? Esa es la pregunta clave que tendrá que ser respondida. La respuesta será sorprendente, o quizás no.*

Palabras clave: *Naciones Unidas; sistema multilateral; objetivos de desarrollo sostenible; ONU; ODS.*

Abstract: *It is almost a truism that the multilateral system as a whole and the United Nations in particular are distrusted and discredited. Never ending conflicts, the disastrous humanitarian situation, neglect and violations of human rights and the curious fact that development is always a bridge too far. The progress of the SDGs is slow and insufficient to meet the goal of 2030. What went wrong? Where did we fail? Those are the questions that must be put up front. The answer might surprise you, but maybe not.*

Keywords: *United Nations; multilateral system; sustainable development goals; UN; SDGs.*

O que deu errado? Onde falhamos? Essas perguntas são as que qualquer pessoa que transita pelas complexidades do mundo multilateral tem que fazer.

O Sistema das Nações Unidas, que é a Organização das Nações Unidas ampliada por um universo de agências especializadas, Fundos e Programas[1], foi criado com dois propósitos

[1] Ver o organograma do Sistema Nações Unidas https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000101212_spa

inscritos no primeiro parágrafo preambular, logo após o celebre “Nós, os povos”, que em síntese podem ser resumidos da seguinte maneira: i) preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra; ii) reafirmar a fé nos direitos humanos, na dignidade e valor de cada ser humano, bem como promover o progresso social e melhores condições de vida.

O primeiro é uma declaração de “Nunca Mais”. Os sofrimentos indizíveis por que havia passado a humanidade no espaço de uma geração, de tal maneira impactaram as sensibilidades da época, que um juramento desse tipo se fez necessário: nunca mais a violência absurda que vitimou entre 70 e 85 milhões de pessoas.

O segundo propósito é a institucionalização do reconhecimento e respeito dos direitos humanos, de todos eles e não somente de um punhado, que reclama todo um universo de direitos entre os quais figura o direito ao desenvolvimento. É preciso sublinhar esse fato de que os direitos humanos passam a ser institucionalizados, i.e., passam a ser o centro de uma instituição específica, em volta dos quais devem girar todos os demais assuntos próprios a ela: direito à saúde (OMS); direito ao trabalho (OIT); direito à alimentação (FAO), e assim por diante.

Os dois propósitos assim interpretados constituem os três pilares sobre os quais se ergue o Sistema: i) paz e segurança; ii) direitos humanos; iii) desenvolvimento.

O primeiro parágrafo preambular da Carta menciona os requisitos fundamentais para o funcionamento do Sistema: *estabelecer condições sob a quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes de direito internacional possam ser mantidos*. Em síntese, é preciso boa fé. Um cínico dirá que não é suficiente e que nada garante de que não possam prosperar ações à margem da lei, e terá razão. Nenhum sistema jurídico é imune a ações levadas a efeito fora do pacto que define as regras. O problema não é a prática de ações à margem da lei, que em todo sistema jurídico é combatido por meio de sanções. O problema é essa prática tornar-se normal. Em condições de civilidade, no quadro da maior conquista civilizacional do século XX, que é a Organização das Nações Unidas, a boa fé é suficiente para tornar operacional o Sistema.

No final do primeiro parágrafo preambular foi inserido uma condicionante. O parágrafo deveria terminar com “promover progresso social e melhores condições de vida”, mas foi acrescido do complemento “dentro de uma liberdade ampla”. A inserção não foi inocente e parece definir o começo da confrontação ideológica que viria a ser conhecida como Guerra Fria. Não há dúvida de que a liberdade é um direito humano. A questão é como é interpretado esse direito. Por um lado, o direito à liberdade seria interpretado como “direitos civis e políticos”, por outro, como “direitos econômicos, sociais e culturais”. As duas interpretações resultariam, em 1966, no Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos[2] e no Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais[3]. As duas interpretações são corretas e devem ser tratadas em conjunto porque as duas constituem direitos humanos. A lógica da confrontação iria complicar a questão, enfatizando este ou aquele ponto, sublinhando esta ou aquela menção.

[2] https://www.ohchr.org/es/instruments-mechanisms/instruments/international-covenant-civil-and-political-rights

[3] https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/international-covenant-economic-social-and-cultural-rights

Estabelecida em outubro de 1945, a Organização das Nações Unidas foi logo incorporando ao Sistema[4] o FMI e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (mais tarde Banco Mundial) criados em Bretton Woods, 1944, bem como novas instituições que se fizeram necessárias para levar adiante os propósitos originais da Carta – FAO, em 1945, OMS, em 1948, UNCTAD, em 1964 – tudo parecia em ordem para construir um mundo melhor, mais justo, com pleno reconhecimento e respeito dos direitos humanos.

O que segue é uma rápida passagem do filme desde 1945, com algumas paradas para pousar o olhar:

- 1947 – Presidente Harry Truman anuncia assistência financeira e militar aos países ameaçados pelo comunismo ou por regimes autoritários. Trata-se da doutrina Truman. A interpretação dada pelo Presidente ao complemento "dentro de uma liberdade ampla" esclarece como deve ser empreendido o caminho ao desenvolvimento. Trata-se da Doutrina Truman, que traça uma linha divisória entre o campo capitalista e socialista e dá início à Guerra Fria.
- 1948 – Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esse importante documento desenvolve o que está na Carta – dignidade inerente a toda pessoa humana e de seus direitos iguais e inalienáveis. No mesmo ano, como a contracorrente, observam-se os seguintes fatos:

    a) *Nakbah*, o desastre, a desapropriação e a expulsão violenta do povo palestino durante a criação do Estado de Israel;

    b) Instalação do regime de apartheid na África do Sul, que vigorou até 1994;

    c) Continuação da segregação racial nos EUA, que duraria até a década de 1960;

    d) Continuação do regime colonial europeu em África e Ásia.

- 1950 – Guerra na Coreia. Primeiro enfrentamento por procuração entre os dois campos. Seguiriam as crises de Suez (1956), Berlin (1961) e Cuba (1962);
- 1952 – Primeira explosão de uma bomba de hidrogênio;
- 1955 – Conferência de Bandung, Indonésia. A conferência reuniu 29 estados de África e Ásia recém independentes;
- 1957 – Sputnik, primeiro satélite artificial a orbitar a Terra;
- 1961 – Conferência Belgrado, Iugoslávia. Resultou na criação do Movimento de Países Não-Alinhados (Tito, Nehru, Nasser, Sukarno). A lógica da confrontação promovida pela Guerra Fria bloqueava a consideração dos assuntos de interesse dos países que haviam conquistado recentemente as respectivas independências. O MNA seria esse foro.
- 1964 – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. Criação do G-77 (hoje são 134 países) e da UNCTAD. O tema do desenvolvimento é tratado pelo Conselho Econômico e Social (ECOSOC) no âmbito da estrutura da ONU. Até 1965, no entanto, o ECOSOC era integrado por apenas 18 países. A criação da UNCTAD foi uma resposta a essa falta de representação;
- 1966 – Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos. Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais.

[4] O Sistema Nações Unidas incorporou também a União Internacional de Comunicação (ITU), de 1865, a União Postal Universal (UPU), de 1874, a Organização Internacional do Trabalho (OIT),de 1919 e a Organização internacional de Aviação Civil (ICAO), de 1944.

Como se pode observar, até mais ou menos a metade da década de 1960, 20 anos após a criação das Nações Unidas, direitos humanos e desenvolvimento, dois dos três pilares cruciais da arquitetura do Sistema pareciam ceder sob o peso, de um lado, do Nakbah, do apartheid, da segregação racial nos EUA e do regime colonial europeu na África e na Ásia e, de outro, da falta de representação nas instituições multilaterais dedicadas ao desenvolvimento. O sentimento generalizado, já naquela época, não poderia ser outro senão o de desconfiança e de descrença, ainda que em seus estados iniciais.

- 1971 – Abandono do padrão-ouro. Aqui acontece algo que merece explicação mais pausada, mas para isso é preciso voltar o filme para 1944, quando foram criados o FMI e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

A função do BIRD era clara: reconstruir o que fora destruído na guerra e construir o que ainda não fora construído, ou seja, desenvolver os países mais atrasados, como propõe o segundo propósito da Organização das Nações Unidas.

A função do FMI era manter taxas de câmbio de moeda a uma quantidade fixa de ouro, o padrão-ouro, crucial num momento de grande incerteza e fundamental para o comércio, os investimentos e os empréstimos bancários.

Os EUA eram o país com as maiores reservas em ouro. O dólar tornou-se a moeda de referência internacional. A demanda excessiva por dólar valorizou a moeda dos EUA ao tempo em que tornou as suas exportações menos competitivas. O crescimento das economias, muito acima do que a disponibilidade de ouro, criou pressões consideráveis do lado da oferta. A impossibilidade de injetar recursos adicionais (porque sem lastro) para necessidades da economia engessava todo o sistema. A dificuldade para financiar a guerra no Vietnam foi decisiva. O padrão-ouro foi abandonado pelos EUA e substituído pelo papel-moeda fiduciária, cujo valor depende somente da confiança a ele atribuído.

O abandono do padrão-ouro representa um primeiro grau de descolamento da realidade. A realidade tangível do padrão-ouro é substituída pela realidade intangível da confiança.

Pouco depois houve os dois choques de petróleo que deixaram muitos países em desenvolvimento com dívidas impagáveis. O FMI, que havia mudado o seu papel com o abandono do padrão-ouro, realiza um segundo grau de descolamento da realidade, desta vez entre a macro e a microeconomia.

Como solução padrão para a questão do endividamento, o FMI passou a receitar ajustes na macroeconomia – cortes nos gastos sociais, redução do Estado, privatizações, desregulação, busca incessantes de superávits e assim por diante. A economia real, a microeconomia, a dos pequenos negócios teve que ajustar-se às demandas do “mercado da macroeconomia”, que não é o mesmo que o “mercado da microeconomia”.

O resultado é sempre o mesmo: desemprego, aumento da pobreza, frustração social, insegurança nos pequenos negócios – ainda quando os grandes números da macroeconomia possam ser positivos. O fosso entre a macroeconomia e a microeconomia é real e representa esse segundo descolamento da realidade. Não é por nada que a segunda é chamada de economia real.

Na década de 1980, o descolamento da realidade foi ainda mais acentuado. A ênfase desmedida na desregulamentação promovida pela Primeira-Ministra Margaret Thatcher e pelo Presidente Ronald Reagan abriu oportunidades para a criação de produtos financeiros – bonds (títulos públicos/treasuries), junk bonds (títulos de alto risco, mas de alto rendimento), contratos futuros, opções, fundos. Em realidade, todos esses produtos – ativos – intangíveis não têm a mesma realidade que uma vaca, uma mesa ou uma casa.

É na década de 1980 que as finanças se separam da economia real e aumenta o fosso entre uma e outra. Foi o momento dos yuppies de Wall Street, jovens, invencíveis, riquíssimos em um piscar de olhos, "Masters of the Universe".

O fosso hoje entre a economia real medida pelo PIB global (US$ 100 trilhões) e economia financeira medida pelo total de ativos (US$ 500 trilhões) é assustador não tanto pelo tamanho, mas pelo grau de irrealidade que representa. Uma só pessoa, Elon Musk, tem mais dinheiro que o PIB de 170 Estados membros das Nações Unidas. Por um lado, a mineração, o plantio, a colheita, a fábrica de produtos, o transporte para as cidades, o comércio, o pagamento de salários – coisas reais e concretas; por outro, o movimento de índices em gráficos de ativos – linhas, colunas, fileiras, matrizes feitas de diferentes frequências de ondas de luz. Sem nos dar conta criamos intimidade com a irrealidade, como se fosse José, João, Lucas – pessoas de carne e osso, com quem conversamos, discutimos e tomamos um chope. O filme continua:

- 1989 – Queda do Muro de Berlin. Ninguém esperava que fosse assim, com marteladas dadas pela população;
- 1991 – Dissolução da União Soviética, que marca definitivamente o fim da Guerra Fria.
- 1992 – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio de Janeiro;
- 1993 – Conferência das Nações Unidas sobre Direitos Humanos, Viena;
- 1994 – Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento, Cairo;
- 1995 – Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Social, Copenhague;
- Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Beijing;
- 1996 – Conferência das Nações Unidas sobre Habitat II.

A década de 1990 foi a década das conferências das Nações Unidas sobre temas sociais, i.e., sobre direitos humanos e desenvolvimento, escanteados durante a Guerra Fria. Chegaram com atraso a um mundo que já era muito diferente daquele de 1945. Enquanto o de 1945 era a pura realidade da destruição e do sofrimento, o da década de 1990, era o começo de uma era que começava a descolar-se da realidade, com consequências desconhecidas.

- 2000 – Cúpula do Milênio – esforço para reunir em uma só declaração o que fora acordado nas conferências sobre temas sociais e projetar um futuro promissor por meio da Metas de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), que eram 8. O milênio estimulava ilusões, despertava esperanças de que mais adiante a ciência e a tecnologia desvendariam as soluções para os problemas do mundo, como o canto das sereias em Ulisses.
- 2015 – Para muitos, *annus mirabilis*, porque a Agenda 2030 e o Acordo de Paris sobre aquecimento global nunca poderiam ter sido adotados de outra maneira. A resolução A/Res/70/1, que deu partida à Agenda 2030 e aos ODS é quase poética. Confiante, diz textualmente, que podemos ser a primeira geração a acabar com a pobreza e a última a poder salvar o planeta.

O que deu errado? Onde falhamos? Várias possibilidades advêm para responder. Bastaria apenas uma, no entanto. Escolho uma que me atrai, ironicamente como o canto de uma sereia.

O descolamento com a realidade não parou. Depois do descolamento financeiro, seguiu um outro, muito maior: o surgimento da realidade virtual, agora exponenciada pela IA, que precisa de volumes colossais de água, para esfriamento, energia, para funcionamento e investimentos, que este ano superam US$ 2,5 trilhões, subindo, sem limites, até devorar as necessidades reais.

O mundo hoje tem muitos mais elementos irreais do que antes, quando ovelhas vermelhas ou azuis, ou unicórnios povoavam algumas imaginações isoladas. Vivemos mergulhados em realidades virtuais, feitas de algoritmos performativos que decidem o melhor desenho de uma asa, a melhor combinação química de um composto, da melhor apresentação em uma conferência e até do par ideal. Tudo, ou quase tudo, é irreal, mas ninguém se dá conta.

Imagine o leitor uma obra de teatro. Trata-se de um monólogo proferido por um grande ator que representa a realidade. As pessoas conhecem o ator e, curiosos com a peça, correm ao teatro. A obra é em um ato. O ator fala sobre o seu dia a dia, a sua realidade. Algumas coisas interessantes, outras menos, mas sempre reconhecidas como reais. Depois de uma hora e meia cai o pano. Todos se preparam para sair. O pano sobre de novo e, do lado do ator conhecido, surge um outro que ninguém conhece e surpreende porque não estava no programa. Fala, como o primeiro, de coisas da vida. O ator conhecido mostra-se agitado, alça a voz, caminha de um lado para outro e procura por todos os meios ser o centro da atenção. Mas é outro que domina e cativa o público. O ator conhecido passa para um segundo plano e, pouco a pouco, envolve-se em sombra e desaparece. O que fica, o outro, encanta e, no final, arranca aplausos. A ficção de tudo que é irreal fascina as mentes.

O mundo irreal fascina, como um unicórnio azul, talvez porque nesse mundo há uma grande ausência: a ética. A ética é esse fator humano que, curiosamente, nos permite reconhecer o outro e, ao fazê-lo, habilita-nos a reconhecermos a nós mesmos como humanos. É um estorvo, de acordo, mas não é possível deixar a ética de lado, simplesmente pelo fato que deixaríamos de reconhecermos como humanos. Muitos dizem que é grande a desumanização de nosso tempo. O genocídio a céu aberto cometido por Israel contra o povo palestino, com assentimento dos EUA e de seus vassalos, é o exemplo mais gritante.

O estado do mundo poderia ser retratado pelas impactantes séries fotográficas do grande Sebastião Salgado. Há algo que incomoda naquelas fotos. Talvez sejam o retrato da humanidade carcomida pela falta de ética, preparando o terreno para o império digital dos algoritmos.

É preciso ainda responder à pergunta onde falhamos?